

Raízes Paraibanas

São João, expedições e cultura universitária



**CRÔNICA
EXTENSÃO**

**O MAIOR SÃO JOÃO
EXPEDIÇÃO SEMIÁRIDO**

**Coordenadora do
Projeto Memória**
Rosilene Dias Montenegro

Editor-Chefe
Diogo Lopes de Oliveira

Sub-Editor-Chefe
Claviano Nascimento

Colaboradores
Aluizio Guimarães
Anderson Motta
Sofia Isbelo

Revisora
Maria Elisabete Ferreira

**Diagramação e
Projeto Gráfico**
Ludemberg Bezerra

A Lynaldo 10 chega num momento histórico do Brasil. Após eleições presidenciais acirradas e repletas de ameaças à democracia (e mesmo depois do pleito terminado ainda as há), o ar que se respira nas universidades brasileiras traz o cheiro da esperança. Movidos pela vontade de que educação e cultura voltem a ser prioridade no país, a equipe da Lynaldo debruçou-se sobre aspectos da cultura paibana e nordestina, analisando as contribuições da educação e de entes públicos para contrução de uma sociedade mais justa.

Aluizio Guimarães provoca reflexões necessárias ao defender tradições do São João nordestino que foram se perdendo por razões tão diversas quanto a força do dinheiro ou falsos riscos de incêndios associados aos balões - assim atesta o Corpo de Bombeiros da Paraíba. Ao contrário do que diz a canção de Antonio Barros e Cecéu, não têm mais tanta fogueira, nem tanto balão, nem tanta brincadeira, nem tanta adivinhação naquele que é tido como o Maior São João do Mundo.

O senso comum de que as Caatinga paraibana, pernambucana e potiguar é mais um mito que a equipe da Lynaldo ajudou a derrubar. O relato que Anderson Motta fez da Expedição do Semiárido mostra a aventura de professores e alunos por 14 cidades dos três estados nordestinos. Eles estudaram, refletiram e vivenciaram assuntos tão diversos quanto necessários como: meio ambiente, segurança e cultura popular. Um deleite para quem participou e para quem lê a Lynaldo 10.

Por fim, Sofia Isbelo nos convida a pensar o papel das universidades no fomento à cultura. Ela sugere a insistência em pintar de povo as instituições públicas de ensino superior. Educação e cultura caminham juntas e são reflexos de seu povo. Que ambas ocupem o lugar que merecem nas universidades, nas praças, nos morros, na vida. Que os ventos de esperança impulsionem as velas do barco do saber. Boa Leitura!

Campina Grande, Novembro/2022

Diogo Lopes de Oliveira
Editor-Chefe da Revista Lynaldo



produtor cultural UFCG

Aluizio Guimarães

O Maior São João do Mundo é o menor de todos

por Aluizio Guimarães



Neste belo forró de autoria do paraibano de Queimadas, Antônio Barros e da também paraibana de Campina Grande, Cecéu, imortalizado pelo Trio Nordestino, podemos observar o quanto a letra retrata algo que não existe mais. Há uma distância bem maior do que dita a narrativa cronológica. Parece que foi num tempo longínquo ou em outras terras, que vivenciamos esta festa de cunho popular e que vem a cada ano sofrendo uma erosão patrocinada, principalmente, pelos poderes públicos que, em detrimento da capitalização de votos, desrespeitam sistematicamente a cultura e, consequentemente, a identidade de seu povo.

O politicamente correto, primo legítimo da hipocrisia, aliado a interesses políticos e ao desrespeito à nossa cultura, assassinaram uma das mais importantes festas brasileiras e, certamente, a mais importante festa nordestina.

A lista do que foi extinto só não é mais triste do que a lista daquilo que foi eleito para substituí-la. No Parque do Povo, em Campina Grande, cidade que ostenta a alcunha de Maior São João do Mundo, em um rápido passeio, pode-se dizer que se está em qualquer época do ano ou em qualquer local do país, pois os elementos identitários de nossa cultura voltados às festas juninas foram ressignificados, empobrecidos,



esvaziados e concentrados, praticamente apenas debaixo da pirâmide... sim, parece que o poeta Ronaldo Cunha Lima, criador do conceito da festa, nunca imaginara que o forró, a gastronomia, os figurinos e tantos outros elementos estariam fragilmente salvaguardados em um túmulo, pois analogamente àquelas do Egito antigo, a do Parque do Povo também assiste nela enterrar corpos que buscam resistir às intempéries provocadas pelas faltas de vontade política e política voltada a preservação cultural.

O MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO
(Ronaldo Cunha Lima)

*Precisava Campina dum evento,
um marco inusitado, um fato novo.
Em vez de um lamaçal, Parque do Povo,
imenso e triunfal empreendimento.
Drenagem, cavação, pedra, cimento,
aterro, ferro, brita, a lama move,
da luta desigual não me demovo,
o destemor do inédito alimento.
Hoje, o Parque do Povo no apogeu,
tenho orgulho da gente que o ergueu,
dando ao poeta o sonho mais fecundo.
Pela força da fé que Deus me deu,
Campina Grande muito mais cresceu
ao nascer o Maior São João do Mundo!*

Não menos triste, ao passear pelo Parque do Povo, é encontrarmos algumas raras ilhas de forró. Nenhum nome seria mais bem escolhido para

batizar aqueles pontos solitários de resistência. Mas a resistência não mascara a humilhação daqueles artistas populares, anonimizados, que em troca de um cachê tão pobre quanto o olhar de quem os paga, se submetem a tocar por algumas horas por dia, em um local em que as condições para eles são infinitamente inferiores àquelas ofertadas aos artistas ditos “de fora”. Nestas ilhas, cercadas de todos os lados por descaracterização cultural, pode-se encontrar pessoas dançando um forró que, quase por decreto, foi levado a uma condição que retrata o passado, o antigo, o desuso, o obsoleto: “Dançar forró naquelas ilhas é um mico!”, comenta uma jovem nascida em Campina Grande, cidade do Maior São João do Mundo, esperando o show de Alok, um DJ.

Mesmo que esteja abrigado na ilha, o turista ou o forrozeiro da cidade, não deixará de vivenciar possibilidades de estranhamento, ao sentir um cheiro de um crepe suíço saído do fogo, ou ainda de uma pizza e seu legítimo sotaque italiano... para aqueles que gostam de beber, uma tequila cai bem neste frio mexican... ou melhor, neste frio da Serra da Borborema. Já que Luiz Gonzaga comparou o pagode russo ao frevo, nada melhor que dar continuidade a esta aproximação trazendo a caipirosca para o meio do Parque do Povo... lugar este em que não se encontra um só milho assado, pamonha e canjica, muito menos... claro, pois estes alimentos também foram demonizados pela moda... comer um hambúrguer escorrendo óleo pelo antebraço não é mico, mas um milho, sim.

Pare e olhe um trio de forró, observe que além dos músicos, logicamente, há seus instrumentos, e muitos destes custam pequenas fortunas quando comparados ao valor que o artista popular ganha através de seu cachê. A sanfona, instrumento



complicado, chamado por muitos como um piano de fole, está ali embalando casais que se apegaram àquele São João do passado, mas por quanto tempo?

Quais são as políticas culturais voltadas à preservação deste instrumento? O que o poder público propõe para se repopularizar a sanfona, o zabumba, o triângulo e o pandeiro? Que medidas preservacionistas são tomadas para que no decorrer do ano, sementes sejam plantadas de tal forma que em junho, durante a festa da colheita, outros frutos sejam colhidos além do milho que tanto deveria continuar perfumando e saborizando nossa principal festa...

NÃO TEM MAIS FOGUEIRA!



Apesar de inúmeras fábricas, carros, caminhões poluírem nossa atmosfera diuturnamente, por todos os anos, a vilã escolhida foi uma fogueira. A queima da lenha atraía os vizinhos para seu redor, para contarem causos, tocarem seus forrós e comerem suas espigas de milho assadas. Enquanto isso, meninos com os espelhos que suas mães emprestavam, tentavam derrubar, através do reflexo do calor do fogo, os balões que enfeitavam os céus, para ludicamente e regidos pela peraltice, comemorarem muito mais a coincidência que o fato em si. Mas é justamente no estado que tem a cidade que faz o Maior São João do Mundo que uma lei proíbe fogueiras. A Lei nº 11.711/2020, que é de autoria do deputado estadual Adriano Galdino, prevê a punição a quem acender fogueiras em espaços urbanos no Estado da Paraíba.

NÃO TEM MAIS BALÃO!



Ao colocar no Google a seguinte frase “Balão provoca incêndio na Paraíba” ou “Balão provoca incêndio em Campina Grande”, não se obtém uma só matéria ou notificação. Não à toa, pois esta é a época de chuvas na região. Mesmo que o balão caia aceso, a vegetação, por estar verde, não pega fogo. Mas, a lei federal Nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998 proíbe, dizendo:

Art. 42. Fabricar, vender, transportar ou soltar balões que possam provocar incêndios nas florestas e demais formas de vegetação, em áreas urbanas ou qualquer tipo de assentamento humano [...].

Não há nada que esteja ruim que não possa piorar. A esta mesma lei teve uma proposta para alterá-la através do Projeto de Lei do Senado nº 402, de 2016 em que, em forma de ementa, o senador sugeria “[...] aumentar a pena para o crime de fabrico, venda, transporte e solta de balões incendiários”. Talvez o leitor da Revista Lynaldo esteja inferindo sobre quem teria sido o senador autor desta ementa, ou talvez de onde ele seja, será que do Rio Grande do Sul? Ou de Macapá? Locais tão distantes da região que mais profundamente vivencia as festividades juninas. Não, infelizmente quem construiu esta propositura foi o Senador Raimundo Lira, nascido na Paraíba, na cidade de Cajazeiras e cidadão campinense. Num trecho de um de seus discursos o senador enaltece seu “amor” à cidade que o recebeu



de braços abertos:

[...]Sr. Presidente, quero agora, especialmente fazer uma homenagem à cidade de Campina Grande, que, no dia 11 de outubro, ou seja, na próxima semana, estará comemorando o seu aniversário. Entre os que me conhecem, não é segredo para ninguém que a cidade de Campina Grande ocupa um lugar de destaque no meu coração, ao lado da minha cidade natal, Cajazeiras.

Meus pais vieram residir em Campina Grande em 1960, atraídos pela pujança econômica da cidade, pelo clima ameno e quase temperado. Meu pai, José Augusto de Lira, um dinâmico empresário de família predominantemente empreendedora, e minha mãe, França Dantas Lira, dona de casa, mãe orientadora, inteligente e amorosa.

Recebi honrosamente o título de Cidadão Campinense em 11 de outubro de 1977, no dia do aniversário da cidade, há 38 anos. Meus repetidos agradecimentos à Câmara Municipal de Campina Grande, ao então Vereador José Luiz Júnior, autor da propositura. O meu irmão, o empresário Francisco Lira, teve a honra de ser Vice-Prefeito e Prefeito dessa amada cidade.

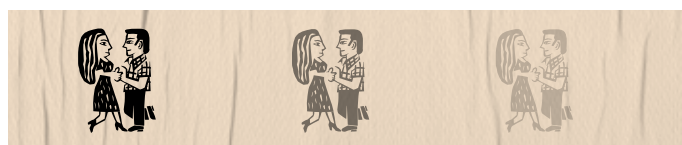
Casei-me com a campinense Gitana Maria da Silveira Figueiredo, professora titular da Universidade Federal da Paraíba, filha do saudoso Bento Figueiredo, agropecuarista e ex-Prefeito de Campina Grande. Gitana e eu somos pais de quatro filhos maravilhosos, também campinenses, com muita honra: Rodolfo, Isabela, Eduardo e Rogério.

Infelizmente este amor não foi convertido em

ações voltadas a preservar a nossa, e dele, cultura. A destruição dos nossos costumes parece ser um projeto político. Pois é, principalmente destes que podemos identificar as ações erosivas às nossas festividades juninas. Criminalizar a cultura de um povo é algo medonho. Felizmente esta proposta foi arquivada, mas sua intenção, não.

A Revista Lynaldo contatou o Corpo de Bombeiros da Paraíba, e este nos informou, através de Ofício assinado pelo comandante do 2º Corpo Regional de Bombeiros Militares, Coronel Carlos Jean Vieira Araújo Benício de Sá, que desde setembro de 2014, quando se começou a registrar as ocorrências no sistema de recursos operacionais da Intranet da instituição, que não há um só registro relacionado a incêndios provocados por uso indevido de balões.

NÃO TEM MAIS BRINCADEIRAS!



Não, as brincadeiras também foram desaparecendo no mesmo ritmo em que as fogueiras foram se apagando. Soltar traque de massa, bomba palito, ratinho, cobrinha e busca-pé na calçada de casa, enquanto seus pais se aqueciam ao redor da fogueira, não acontece mais. Ao apagar o fogo, o frio junino expulsou todos da rua, de onde a festa se sustentava, pois o São João na urbe é uma festa de rua. Era. Fazer correntes e bandeirinhas de papel, vestir-se de matuto, pintar o bigodinho; organizar, desde maio, a quadrilha da sua rua, não faz mais sentido... tudo virou mico.



NÃO TEM MAIS ADIVINHAÇÃO!



Não precisa ser adivinho para adivinhar porque não se faz mais adivinhação... o tronco da bananeira foi trocado por abdomens, braços e até pescoços que se submetem à aventura do Parque do Povo.

Acabou o lado místico da festa, exceto na lembrança de alguns mais velhos que se enclausuram em suas memórias para buscar a festa que eles não reconhecem mais. E por falar neste aspecto místico/religioso, não é demais lembrar que São João é um santo da mitologia católico-cristã, e não tem a justa homenagem que deveria ter, pois não há uma novena, uma missa ou uma paróquia que festejem o santo que dá nome à festa.

DESOBEDIÊNCIA CIVIL

Por mais força que os poderosos políticos tenham, inclusive ao ponto de conseguirem criminalizar práticas culturais, eles não conseguem a plenitude de seu projeto político graças à força maior que é a da cultura de um povo. E é a este povo, uma clara minoria, rarefeita e desorganizada, que muitas vezes nem reconhece o seu próprio poder, que gerações vindouras deverão agradecer. É pelas carroças de burro que se traficam lenha para as fogueiras da resistência. É nos quintais das periferias que as fogueiras insistem heroicamente em sobreviver. É pelas mãos de artesãos corajosos que balões são confeccionados e é, pelas

mãos de cidadãos das mais variadas camadas sociais, dos mais variados níveis econômicos e de formação, que estes balões, ainda, enfeitam os céus de Campina Grande.

Através de suas desobediências há uma pequena chama de esperança, para quando tivermos políticos que entendam que nossa cultura é nossa identidade e acabá-la será acabar como o nosso povo. E quando este dia chegar, que estes futuros políticos promovam o resgate da nossa fogueira, tirando-a da criminalidade, evocando, analogamente, um habeas-pinho... Campina Grande precisa de políticos que vislumbrem um habeas-fogueira... mas quem fará isso?

Enquanto isso, nas esquinas da noite, nossa cultura resiste, pelas mãos dos forrozeiros, dos artesãos e dos heróicos cidadãos que correm o risco de irem presos em legítima defesa de sua cultura, buscando fazer a festa de São João, sem a preocupação por tamanho, mas sim por grandeza. O Maior São João do Mundo se transformou no menor, e isso, certamente, nem o poeta nem o povo imaginariam um dia acontecer. **ly**





estudante UFCG

Anderson Motta

Desbravando o Semiárido Paraibano

Projeto reúne diversas entidades para incentivar o conhecimento e combater desinformações sobre a região

por Anderson Motta



Em 2009, surgiu o projeto Expedição do Semiárido, fruto de uma parceria entre a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), envolvendo o Programa de Estudos e Ações para o Semiárido (PEASA), do Museu Interativo do Semiárido (MISA), da Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão da UFCG, e uma série de outras instituições como o Instituto Nacional do Semiárido (INSA/MCTI), da Fundação Parque Tecnológico da Paraíba

(PqTcPB), do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e do Instituto Lynaldo Cavalcanti (ILCA). O projeto tem como propósito o estímulo do conhecimento, a desmistificação sobre a região do semiárido e tudo aquilo que contribui para a formação e desenvolvimento da população nordestina.

Em sua VI edição, a Expedição do Semiárido elaborou uma série de atividades voltadas para três

categorias: um concurso de redação para estudantes do ensino médio e da educação profissional, artigos científicos para estudantes de graduação e pós-graduação e de práticas produtivas inovadoras para agricultores do Semiárido, localizados no estado da Paraíba. A premiação do concurso teve como finalidade incentivar a pesquisa científica, a reflexão crítica e as práticas sociais e tecnológicas acerca da Região do Semiárido.

Segundo o edital, para o pleno e bom desenvolvimento do concurso:

* As redações foram desenvolvidas presencialmente e divididas nos seguintes temas: meio ambiente, segurança alimentar, aproveitamento sustentável dos recursos naturais, desenvolvimento sustentável, cultura popular, agricultura familiar e recursos hídricos da região do Semiárido;

* Os artigos científicos foram desenvolvidos discutindo os seguintes assuntos: aspectos socioeconômicos, antropológicos, históricos e geográficos da região; recomposição da vegetação nativa, além dos mesmos temas do concurso de redações;

* As Práticas Produtivas Inovadoras foram construídas através de um documentário de até 3 minutos, apresentando as atividades da Agricultura Familiar e o uso das tecnologias na Região do Semiárido da Paraíba.

A categoria Redação aconteceu dia 22 de maio nos pólos de apoio da VI Expedição do Semiárido: Campina Grande, Cuité, Sumé, Patos, Pombal e Cajazeiras. Já os trabalhos dentro da categoria Artigo Científico e Práticas Produtivas foram submetidas virtualmente.

A seleção para a escolha dos trabalhos premiados foi composta por três comissões julgadoras, uma para cada categoria do concurso. Após as avaliações, foram premiados 21 estudantes e 17 professores de ensino médio e técnico profissionalizante; quatro estudantes de graduação e pós-graduação; quatro produtores rurais. Foram 46 premiados e mais quatro pesquisadores do Instituto Nacional do Semiárido,

quatro membros da coordenação do PEASA/UFCG e dois membros da empresa Trajetus Turismo.

Premiação dos melhores classificados:

* Para Escolas e Universidades dos Estudantes premiados: Certificado.

* Para o Estudante do Ensino Médio e da Educação Profissional, e seu respectivo Professor/Orientador, ao Estudante de Graduação ou de Pós-Graduação e ao Produtor Rural: Certificado e uma viagem de 10 a 17 de julho de 2022 com despesas pagas de alimentação e hospedagem partindo e retornando para Campina Grande.

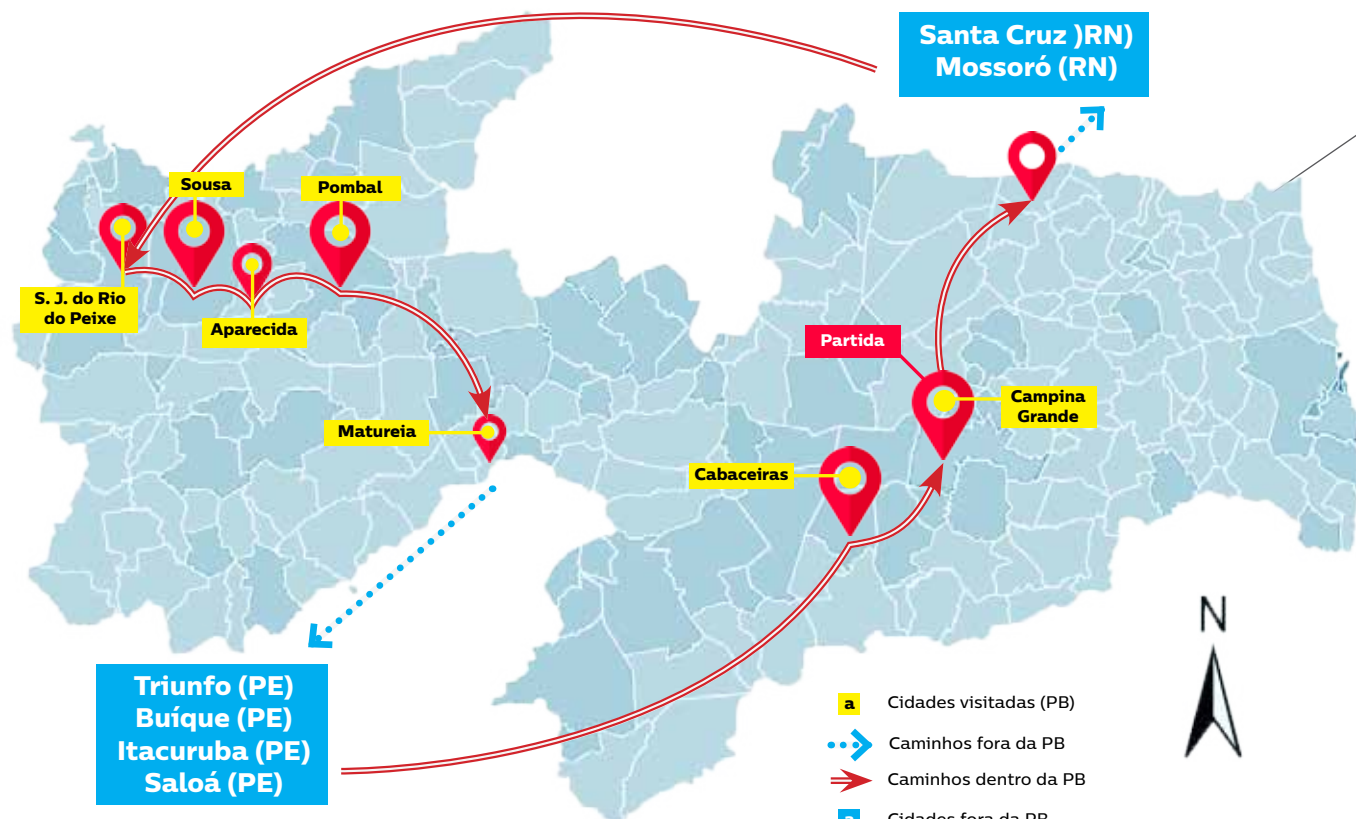
O roteiro era Campina Grande, Araruna, Santa Cruz (RN), Mossoró (RN), São João do Rio do Peixe, Sousa, Aparecida, Pombal, Matureia, Triunfo (PE), Buíque (PE), Itacuruba (PE), Saloá (PE), Cabaceiras e Campina Grande.

Notas de agradecimento: NUNCA É TARDE PARA AGRADECER!

Agradecimento, essa é a palavra que me vem ao final de uma etapa, a VI Expedição do Semiárido, nessa jornada que é a busca por conhecimento para o enriquecimento pessoal e coletivo. Em primeiro lugar, a DEUS, por nos ter permitido essa convivência e chegar ao final dessa viagem em casa, bem e renovados para enfrentar novas batalhas. Agradecer a organização do evento que de forma direta ou indireta contribuiu para que o mesmo acontecesse e nos desse a possibilidade de conhecer melhor uma pequena parte de uma região tão diversa, tão rica e tão bela. Vicente, Marleide, Rossino, Daniel Duarte, Ricardo Lima, Ezequiel, Camila e os demais que nos acompanharam durante a expedição. Em especial ao amigo e irmão Ezequiel pelo convite e apoio. A possibilidade de conviver com um grupo tão diverso é enriquecedor. As novas amizades, nada disso tem preço. Acreditem, pois, se temos a capacidade de sonhar, também temos de realizar. Das dificuldades levem o aprendizado e que DEUS nos abençoe. PAZ e LUZ na vida de todos.

Mardém Souza Chaves*

*Produtor rural que foi premiado na categoria Práticas Produtivas Inovadoras



*O que dizer desta semana tão distinta?
Imagino que as imagens falem por si só... Pude
conhecer lugares novos e muito bonitos, pessoas
diferentes e incríveis. Nunca pensei que isso pudesse
marcar tanto: cada contratempo que houve, parecia
que nos unimos cada vez mais, pois, apesar de muito
singular, o jeito de cada um, mais parecia uma grande
família, que se completava e nos fazia crescer. Faltam-
me as palavras, mas restam-me os sentimentos e as
memórias, e esses ficam marcados no meu coração.
Espero que possamos nos reencontrar para relembrar
momentos tão especiais e viver novos, ainda mais.*

Felipe Gabriel

Segue o poema do Dante, que conta um pouco do
nosso roteiro:

“Circular no Semiárido

*O maior São João do mundo
Se ver em Campina Grande
E entra na Pedra da Boca
Pras Ararunas adiante.
Aos pés da Rita de Cássia
Em Santa Cruz na oração
Com pernoite em Mossoró*

*Que resistiu à Lampião.
No voo das abelhas do mel
O sertão vai virar mar
Pegadas que levam a Sousa
Despoeira o vale milenar.
Perto dum Canto isolado
Que formou Aparecida
Vamos pousar em Maturéia
Depois da Pombal antiga.
Descanso no casarão
E cedo no Jabre suba!
Tem tirolesa em Triunfo
E grão de pedra em Itacuruba.
Será que tem cobras em Buíque
Ou apenas pedras de salgar?
É trilha da serra do Contente
E cachoeiras em Gravatá.
Bezerros é logo ali
Com papangu nas festas
E vamos fazer um filme
Na Roliúde Cabaceiras...
Luz, câmera... Expedição!”*

Enfim, agradeço a Deus por tudo e essa foi a nossa VI
Expedição do Semiárido! **ly**



estudante | UFCG

Sofia Isbello

Por uma universidade pintada de povo

O papel estratégico da cultura na transformação da sociedade

por Sofia Isbello



foto: Aluizio Guimarães

Depois da quadrilha pular a fogueira de Xangô para nos despedirmos do São João cada vez mais distante da cultura popular, trilhamos o caminho que nos leva do Parque do Povo ao campus sede da Universidade Federal de Campina Grande, a qual tentamos continuamente pintar de povo. Mas como encher de vida e de povo uma universidade sem perpassar o atual projeto político de aculturação da sociedade brasileira e, por conseguinte, da comunidade acadêmica de nossa universidade?

Cultura é a construção de um processo histórico, social e político de uma sociedade, englobando diversos aspectos que entram em consonância com o contexto da sociedade que a constrói, tais como (mas não

limitados a): valores, moral, ética, comportamentos, arte, língua e linguagem... Ademais, a cultura também não parte de um processo exógeno - ou seja, esta não é imposta a uma sociedade para que seja seguida como uma receita pronta do que deve ser feito (à exceção de ações antidialógicas de invasão cultural, que ainda assim são decorrentes de algum processo), muito pelo contrário: suas facetas são construídas a partir das relações sociais humanas como consequência histórica do desenvolvimento da formação social de um povo.

Portanto, a aculturação é o processo de mudança na cultura de uma sociedade a partir da dominação política de um povo sobre o outro: o que vivenciamos no Maior São João do Mundo, com os traços de nossa

cultura popular cada vez mais apagados e ofuscados, dando espaço para um São João sem misticismo, sincretismos, fogueiras, balões, comidas e músicas típicas, é um processo político de aculturação e, portanto, um projeto político de apagamento de nossa memória e de nossa raiz.

Esse projeto político de apagamento de nossa cultura ancestral e popular convive conosco desde a colonização e, assim, faz parte da formação social brasileira – podemos exemplificar através da tentativa de dizimar as diversas manifestações culturais das populações africanas e indígenas, sobretudo no que tange à religiosidade. Para sobreviver a isto, os povos dessas expressões culturais adotaram práticas do sincretismo religioso – não é preciso ir longe para ver os desdobramentos desse processo: Gilberto Gil, por exemplo, canta sobre a festa que nos inspira esse texto:

“Aj, Xangô, Xangô menino / da fogueira de São João / quero ser sempre o menino, Xangô / da fogueira de São João / [...] / viva São João / viva o milho verde / viva São João / viva o brilho verde / viva São João / das matas de Oxóssi / viva São João”. (Gilberto Gil em São João, Xangô Menino)

Entretanto, mesmo entendendo esse processo como histórico e social de nossa colonização, vemos que em tempos de autoritarismo essa perseguição às iniciativas culturais se faz ainda mais presente, como no golpe militar de 1964, onde militares perseguiram, exilaram, prenderam e assassinaram agentes da cultura, mas também investiram fortemente na construção de uma indústria cultural – o rádio, por exemplo, foi uma ferramenta de disseminação de programas e propagandas oficiais. Em contraponto, vemos que tais ferramentas de comunicação e cultura também foram usadas como resistência desse processo por diversas organizações, a exemplo da União Nacional dos Estudantes (UNE).

É nesse caminho que, no mesmo ano da queda do regime ditatorial, também é criado o Ministério da Cultura, em consonância com a efervescência democrática do país. De lá para cá, experienciamos governos progressistas que buscam investir na manutenção, conservação e disseminação de nossa cultura, tais quais experiências como os Pontos de Cultura e o programa Cultura Viva, ambos inaugurados no governo Lula; o Programa Monumenta, com políticas de recuperação de centros históricos. O próprio presidente afirmou, em discurso:



Gilberto Gil toca rabeca ao lado mestre Salu e João Paulo Lima e Silva, entre outros (Olinda, PE). foto: Passarinho

“Para nós, a cultura está investida de um papel estratégico, no sentido da construção de um país socialmente mais justo e de nossa afirmação soberana no mundo. Porque não a vemos como algo meramente decorativo, ornamental. Mas como base da construção e da preservação de nossa identidade como espaço para a conquista plena da cidadania, e como instrumento para a superação da exclusão social – tanto pelo fortalecimento da autoestima do nosso povo, quanto pela sua capacidade de gerar empregos e de atrair divisas para o país. (Discurso de Luiz Inácio Lula da Silva. In: MINISTÉRIO DA CULTURA, 2006, p. 3 apud BRANDÃO, Marina, 2019, p.3)”

Esses ganhos, porém, estão cada vez mais em declínio enquanto projeto político. Desde o resultado das eleições de 2018 para a presidência da República, vemos o desmonte de políticas públicas em relação à nossa cultura – para ilustrar, temos a própria extinção do Ministério da Cultura, realizada em 2 de janeiro de 2019, apenas um dia depois da posse de Jair Bolsonaro enquanto presidente do Brasil. Além do Ministério, também houve o desmonte da Agência Nacional de Cinema (Ancine) e, mais recentemente, o veto a duas leis de incentivo cultural, a Lei Aldir Blanc e a Lei Paulo Gustavo; veto este que foi derrubado pelo Congresso Nacional em 5 de julho deste ano.

O desmonte do atual Governo Federal não se resume à pasta da Cultura. Em uma nota oficial lançada no início de junho, a atual reitoria (nomeada pelo presidente, desrespeitando mais uma vez a autonomia universitária) anunciou o bloqueio de 14,54% do orçamento destinado para todas as Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes). De acordo com o reitor, esse valor corresponde a R\$12.797.526,00 (doze milhões, setecentos e noventa e sete mil e quinhentos e vinte e seis reais) em nossa instituição. Esse bloqueio, somado a outros cortes, coloca em risco o próprio funcionamento da universidade, e os reflexos na falta de investimento de projetos culturais são latentes.

Encontramos atualmente uma UFCG que não tem cor e não celebra a vida. Ao entrar no campus de Campina Grande, que uma vez já teve diversos murais de grafite embelezando os prédios, não vemos

estudantes ou tampouco a celebração da arte. O Centro Universitário de Cultura e Arte (CUCA), com estrutura externa ao campus e com gestão do espaço feita pelos estudantes, se mantém até o presente momento abandonado pela reitoria, embora sejam imprescindíveis reformas estruturais para a manutenção e continuidade desse espaço, para a classe estudantil, prometidas desde 2012 e que não aconteceram até hoje, inviabilizando o seu uso.

As atividades culturais que acontecem dentro da universidade foram desencorajadas, e as iniciativas que conhecemos partem de cursos como *Arte e Mídia*, *Comunicação Social e Música*, quando envolvidos na construção de processos/projetos com arte e cultura; e Centros Acadêmicos e o Diretório Central dos Estudantes assumem a responsabilidade de construir processos culturais que minimamente retomam o espaço cultural de dentro da universidade. Para citar alguns exemplos, temos a Semana de Arte e Mídia, promovida pelo curso de mesmo nome; o Educomposia, uma iniciativa do curso de Comunicação Social protagonizada pelos estudantes; bem como o circuito cultural das universidades aos bairros Zabé da Loca, promovido pela gestão de DCE durante a pandemia.

Essas ações mantêm acesa a chama da cultura dentro da universidade, mas não cabe somente a estes setores (o movimento estudantil e os Departamentos voltados à arte) a defesa da cultura dentro dos nossos campi: é uma responsabilidade coletiva e, sobretudo, institucional. Precisamos de uma gestão da reitoria que desenvolva alternativas dentro do âmbito universitário, que se contraponham o projeto político de apagamento de nossa cultura e memória constituindo demarcação de um processo de resistência, que alargue a possibilidade de diálogo entre os campi e que abrilhante não só Campina Grande, mas a Paraíba.

As consequências da falta de espaço de sociabilidade estudantil, dentro e fora do campus, vemos agora no retorno às aulas presenciais pós-pandemia: uma universidade esvaziada não só de cor, mas também de povo. E o que faremos para essa pintura do vazio mudar? Merecemos uma universidade que seja mais do que um quadro abandonado no cavalete, antes mesmo de ser finalizado. **ly**



www.revistalynaldo.org